



Autores:

Lauren Waiss da Rosa

Graduanda em História pela Univates, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - CAPES, possui experiência na área de Arqueologia



Natalia Devitte

Graduanda em História pela Univates, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - CAPES, possui experiência na área de Arqueologia



Neli Galarce Machado

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, Professora da Univates



Palavras-Chave:

Conquista, Colonização, Mecanismos, América, Resistência.

Keywords:

Conquest, Colonization Mechanisms, America, Resistance.

Artigo recebido em:

Setembro de 2012.

Artigo aceito em:

Dezembro de 2012.

ARTIGO ORIGINAL

MECANISMOS E O PROCESSO DE CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA INDÍGENA

RESUMO:

O processo de colonização da América Espanhola está imbricado ao novo momento econômico que forja o período moderno. Instigados pela avidez do acúmulo de capital e favorecidos pelo avanço de determinadas técnicas de navegação, os europeus lançam-se aos mares em busca de terras, título e ouro. O cenário de instalação da sociedade colonial incide sobre a América Indígena. O objetivo deste artigo, portanto, é abordar os mecanismos e comportamentos desenvolvidos e empreendidos pelo colonizador espanhol no desenrolar dos processos de conquista e colonização da América que constituíram a busca pela realização de seus intentos e, por consequência, a base de sua ação colonial. Por fim, será analisado os limites de ação da conquista e colonização espanhola, numa tentativa de compreender como as sociedades indígenas se posicionaram durante este processo histórico. As fontes utilizadas para este trabalho foram essencialmente bibliográficas, cuja metodologia de trabalho recaiu sobre a discussão de textos históricos e dos conceitos utilizados pelos autores.

INTRODUÇÃO:

Falar em conquista e colonização não é uma tarefa simples. Requer cuidado, uma vez que a relação entre o europeu e o indígena neste processo proporcionou um choque cultural entre sociedades estruturadas e organizadas, de valores e perspectivas diferentes. Uma relação pautada por encontros e desencontros. A tarefa de historicizar este fato torna-se mais árdua na medida em que se percebem os equívocos historiográficos que reproduziram o discurso e a visão dos espanhóis, construções que tiveram por finalidade justificar uma dominação e acabaram por desconsiderar a ótica de outrem.

Nos tempos atuais, no entanto, alguns historiadores têm fixado como ponto de partida em seus estudos a desconstrução de

alguns mitos e buscado entender o processo de conquista a partir do olhar do outro – o indígena. Diversas narrativas têm se desenvolvido numa perspectiva que tende a valorizar os índios como sujeitos ativos deste processo histórico, visto que a linha de demarcação que foi imposta pela hegemonia da história dos brancos está sendo transposta.

Por esta razão nos propomos a analisar os mecanismos e dispositivos utilizados pelos europeus no processo de conquista e colonização da América. Entretanto, queremos também apresentar os limites da ação colonial, ressaltando aspectos da resistência indígena em diversos âmbitos.

1. A expansão européia e a ocupação da América

Do além-mar, vieram os europeus. Para se pensar acerca dos homens do período do século XVI que aportaram na América para ocupá-la e colonizá-la, é preciso compreender a Europa no âmbito das transformações que dão luz à época Moderna. Uma série de acontecimentos são orquestrados na lógica deste período, como o Iluminismo – relacionado às novas idéias e apreciação da razão –, o Renascimento – ligado às questões culturais –, a Reforma da Igreja – arrolada aos aspectos religiosos, e o Mercantilismo – movimento unido às questões econômicas/metalismo, baseado na centralização daquilo que é mais precioso no território, através de relações intercontinentais. Estes eventos indubitavelmente têm sua repercussão nas colônias americanas.

Os homens que adentraram as caravelas revelam suas posições ocupadas na Europa e sua sede de status e riquezas. A conquista da América é de fato uma tentativa privada de banqueiros, mercadores e conquistadores, salvos os casos de Colombo e Magalhães, cujas empreitadas foram custeadas pelo Estado. A Igreja, nesse sentido, esteve presente conjugando interesses comuns aos da Coroa. Em seu diário de bordo, Colombo afirma: “do ouro se faz tesouro, e quem o tem faz o que quiser no mundo e até leva as almas para o Paraíso”. Além de em sua fala estar presente a propagação da fé – discurso recorrente – é fundamental considerar o discurso presente no século XVI, na qual o metal justifica a existência da América para os europeus e reforça a engrenagem do Mercantilismo e de suas práticas.

Num contexto extremamente distinto do da Europa, habitavam sociedades indígenas providas de uma complexa organização política, social, econômica e cultural: a América – território que sequer era chamado deste modo pelas populações ameríndias. É uma empreitada audaciosa tentar caracterizar tais sociedades devido à sua diversidade e complexidade de suas culturas produzidas nestes espaços, que desempenharam um papel decisivo nas relações posteriores estabelecidas com os espanhóis. Entretanto, é de nossa obrigação considerar os habitantes da América como sociedades portadoras de diversas características, caso contrário, cairemos em desgraça enquanto historiadores, descaracterizando-os e afirmando a recusa do outro.

Havia na América sociedades estruturadas, cuja organização ocorria a partir de pressupostos cosmológicos, onde mantinham relações comerciais, estabeleciam alianças entre si, guerreavam e possuíam a sua política nativa. Tinham as suas formas de negociação e os seus meios para alcançar os seus objetivos políticos. Sem falar na exploração ambiental que foi posta sobre as terras utilizadas por estes povos para o desenvolvimento de suas sociedades.

O êxito do empreendimento espanhol nas terras americanas estaria subordinado, de certo modo, à sua capacidade de explorar e acumular as riquezas do novo território. Esta situação requeria uma força de trabalho que atendesse as exigências e demandas da empresa, segura e barata. Desta forma, a prática espanhola entedia que a ocupação das terras conquistadas por si só não bastava, era essencial torná-la proveitosa, o que significava cultivá-la e desenvolvê-la. Como consequência, a Espanha terá que organizar a exploração de suas colônias sem deixar de levar em conta a necessidade de afirmação da soberania da coroa espanhola, as medidas para o estabelecimento da fé cristã para a necessidade de imigração e desenvolvimento de uma política de colonização, bem como o domínio amplo da terra e do povo que nela já vivia, uma vez que os espanhóis percebem a utilidade dos indígenas como a mão-de-obra necessária para o momento. A fala de Novais define o colonialismo:

“[...] A colonização guardou em sua essência o sentido de empreendimento comercial donde proveio, a não-existência de produtos comercializáveis levou à sua produção, e disto resultou a ação colonização [...].”¹

Para tanto, vários mecanismos e dispositivos de conquista e colonização foram utilizados para efetivar os intentos espanhóis. Na busca de um sentido para a colonização, pode-se dizer que as colônias funcionam em função da metrópole. Considerando os atores europeus, constata-se que, inicialmente, a conquista caracterizou-se pelo saque e o assalto, passando-se posteriormente à organização de um sistema produtivo que possibilitou a existência do latifúndio. Leslie Bethell nos propõe alguns esclarecimentos referentes à compreensão de conquista:

“Conquista podia significar, portanto, colonizar, mas também podia significar assaltar, saquear e seguir adiante. A conquista no primeiro sentido dava primazia à ocupação e exploração da terra. No segundo sentido, concebia o poder e a riqueza de uma forma muito menos estática – em termos muito mais de posse de objetos fáceis de transportar, como outro, pilhagem e gado, e de domínio sobre vassallos do que de propriedade de terra [...].”²

A obra do semiótico Tzvetan Todorov “A conquista da América a questão do outro” referencia algumas de nossas considerações acerca do processo de conquista da América Indígena. Nos anos iniciais de penetração no continente, Colombo descobre a América, mas não os americanos, representando a inferioridade e a indiferença do outro para o europeu, visto que só é possível visualizar o indígena em meio às descrições que Colombo faz da natureza. O europeu ignorava a comunicação humana. Seu alicerce religioso e sua mentalidade medieval servirão de base para a interpretação que faz da realidade. Todorov menciona como se consolidou a conquista apresentando a comunicação como fator decisivo para a dominação do outro. Apesar disso, apresenta Cortéz como o estrategista que conhece o valor da informação e utiliza a linguagem como instrumento eficiente na conquista, no sentido de tentar compreender a mentalidade do outro de maneira a sobrepujar esta outra cultura.

O maior avanço tecnológico dos europeus em relação aos povos indígenas é defendido por Eduardo Galeano como um dos fatores que semearam o terror e a morte entre os nativos. A expedição de Hernán Cortez foi uma das primeiras a desembarcar na Europa com a finalidade de extrair e se apropriar de riquezas latinoamericanas. Devido à sua superioridade tecnológica, este conquistador submeteu ao poder da Coroa Espanhola a civilização mexicana, pois sua cultura já conhecia o aço, as armas de fogo e meios de transporte como o cavalo, embora os povos que ali viviam possuíam população muito maior que a dos invasores. Ruggiero Romano vem a complementar a tese defendida pelo autor citado anteriormente, considerando o poder bélico e o uso de cavalos pelos espanhóis como fundamentais para firmar a conquista, momento denominado por este como “La espada” (conquista pelas armas). Embora os índios superassem os espanhóis em número de guerreiros, o “apetrechamento” técnico se sobrepôs a esta realidade, uma vez que os tiros de canhões e a presença do cavalo causaram o pavor entre os ameríndios, que os associavam com demônios. Em seu livro, Romano clarifica:

“Violência, injustiça, hipocrisia caracterizam a conquista. Não se trata de colocar a história americana sob a égide da lenda negra. Simplesmente, e longe de qualquer julgamento moral, quer-se sublinhar que as formas, os métodos, as maneiras da conquista, mesmo que se queira (e em certos casos extremos se pode) justificá-los em nome da moral corrente dos séculos XV e XVI, não continham em si nenhum germe de desenvolvimento positivo, pois destinados à completa involução, cujas consequências vencidos e vencedores teriam suportado juntos.”³

Embora tais sociedades fossem dotadas de tamanha complexidade em todos os seus âmbitos, desconheciam a pólvora, o arado, a roda que representaram um desnível de desenvolvimento entre os dois mundos em contato e foram facilitadores para os objetivos europeus. Sobre esta questão, é importante considerar também o impacto visual de símbolos como estes, os quais tiveram sua repercussão no imaginário indígena, talvez impacto maior que a presença da legislação e burocratização que foram sendo implantadas neste período. Decorre daí a problemática do impacto psicológico exercido pelas armas, cavalos e violência, uma vez que a chegada dos espanhóis e de tudo o que consigo traziam possuiu uma conotação de estranhamento para os indígenas. Aliado a isso, perto da época que prescindia a chegada dos europeus, haviam ocorrido manifestações divinas entendidas como sinais para os índios. Galeano exemplifica esta situação: o Quetzalcóatl voltava pelo leste.

“Nesse espelho Montezuma viu marchar sobre o México os esquadrões de guerreiros. O deus Quetzalcóatl viera pelo leste, e pelo leste tinha ido embora: era branco e barbado. Também branco e barbado era Viracocha, o deus bissexual dos incas. E o leste era o berço dos

antepassados históricos dos maias.”⁴

Hector Bruit aponta estes impactos visuais como implicadores na posterior submissão dos índios à escravidão. Ademais, os impactos/mudanças ambientais e culturais, como a presença do gado, da soja, do mercúrio e da própria presença do negro também tiveram os seus efeitos neste cenário. Para Serge Gruzinski, se, por um lado, a divulgação das imagens dos colonizadores é apresentada enquanto dispositivo de dominação simbólica e real, por outro, agiu como impulso ao processo de mistura cultural entre espanhóis e indígenas. Para Restall a única arma cuja eficácia é indubitável eram as espadas de aço e argumenta nesse raciocínio destacando que Pizarro preferia lutar de pé para melhor manusear sua espada.

Las Casas é a figura que retrata a recusa que se faz do outro. Sua atitude defensiva perante o indígena parte de sua ótica particular, à medida que se exerce a conversão do outro. Todorov explica o seu posicionamento neste processo partindo do pressuposto do frei: a humanidade do outro só é concebida se integrada na cultura do eu. Para Las Casas, o índio era um ser provido de alma, o que remetia à possibilidade de ser salvo; por esta razão fundamenta-se na ideia de trazer Deus, através da religião e da fé e o Rei. A respeito do frei dominicano, acreditamos ser inegável o fato de que este representava mais um dentre os vários indivíduos interessados em conquistar e dominar aqueles povos, com um tipo de violência distinto do recorrente abordado: a imposição do cristianismo.

“[...] o Deus dos espanhóis é um ajudante e não um Senhor, um ser mais usado do que usufruído [...]. Teoricamente, e como queria Colombo [...], o objetivo da conquista é expandir a religião cristã; na prática, o discurso religioso é um dos meios que garantem o sucesso da conquista: fim e meios trocaram de lugar.”⁵

A Igreja Católica participa ativamente no processo de conquista e colonização da América como meio de justificar ideologicamente o seu desprezo pelo outro, representada na prática através de atos de violência aos indígenas, mas proferida pelos europeus como atos de caridade e fé, uma vez que a matança de índios servia para purificá-los em nome de Deus, de suas terríveis heresias, como o canibalismo, as danças rituais, a nudez e a adoração de ídolos de pedra. A partir deste exemplo, o autor mostra o quanto esse discurso ideológico serviu para dizimar civilizações, subjugar e assassinar criminosamente milhares de escravos, incendiar florestas, degradar solos, explorar e arruinar jazidas de metais preciosos. Constata-se, assim, a presença da fé cristã como um mecanismo de agressão para tentar modificar sob o pretexto da religião hábitos e valores que remontam às origens de um povo.

Ruggiero Romano delimita a ação da Igreja caracterizando-a como a conquista espiritual, intitulada como “La cruz”. Como exemplo, relata o primeiro gesto de Colombo ao adentrar nas terras americanas, onde fincou uma cruz. As ações da Igreja pautavam-se por atribuir a sanção moral e a sacralização para as ações dos conquistadores, aventureiros e comerciantes espanhóis. Mais tarde, a Igreja Católica irá desempenhar um poder paralelo ao Estado, através da instituição missioneira – representação máxima do poder do homem branco - onde poderemos visualizar um indígena

modificado e alterado, adaptado ao cotidiano das vilas gigantescas controladas pelos jesuítas.

As alianças entre espanhóis e os povos nativos que viviam um enfraquecimento político constituiu um fator importante como dispositivo adotado pelo europeu para a conquista. As rivalidades internas e constantes foram utilizadas pelos mesmos como incentivo para uma desunião cada vez maior entre os indígenas e como meio de firmar alianças com os povos. Na perspectiva de Matthew Restall a participação dos índios ocorria no momento em que alguns grupos derrotados em batalhas entre nativos se juntavam aos europeus na busca de alguma vingança; essa falta de unidade dá aos espanhóis a chance de uma união em busca da conquista. Dois outros exemplos de como a desunião dos nativos favoreciam os espanhóis foram a atuação dos interpretes nativos e a cooperação e colaboração de seus governantes, ocasionadas para o benefício de suas próprias dinastias, em detrimentos das vizinhas. Ruggiero Romano relembra que na conquista do Peru, Pizarro se beneficiou pela aliança que fez com o cacique Quilimassa. Restall atenta para a disseminação das práticas de deslocamento dos nativos que se aliavam aos espanhóis:

“Assim como as conquistas andinas disseminaram-se a partir de centros do antigo Império Inca para as regiões sul e norte da América do Sul, os guerreiros e servos nativos revelaram-se igualmente inestimáveis. O deslocamento de aliados indígenas de um zona de conquista para a seguinte foi uma prática instituída desde os primórdios das atividades espanholas. Os ilhéus caribenhos, habituados a passar de uma ilha para outra como pessoal de apoio em expedições de conquista, acabaram levados para o continente nas campanhas do Panamá e do México; assim, por exemplo, Cortés trazia consigo duzentos cubanos nativos ao penetrar no México em 1519.”⁶

Não podemos ocultar, nesse sentido, a busca de aliados europeus pelos indígenas como meio para atingir aos seus intuitos. A presença hispânica auxiliava em virtude dos interesses indígenas, incluindo o combate aos adversários, conforme demonstra o referido autor em uma de suas passagens:

“Os huejotzincanos, vizinhos de Tlaxcala, resistiram longamente à incorporação pelo Império Asteca e também auxiliaram os espanhóis na Conquista. Mais tarde, chegariam a escrever para o monarca hispânico que nunca se haviam oposto aos espanhóis e que tinham sido melhores aliados que os tlaxcaltecas, que em diversas ocasiões fugiram, e com frequência lutaram mal. Em contrapartida, asseveraram, 'ajudamos não só na guerra, mas também lhe demos [aos espanhóis] tudo de que necessitavam'.”⁷

A devastação epidemiológica trazida pelo Velho Mundo foi um mecanismo determinante para a efetivação da conquista, sendo responsável por uma queda relevante da população indígena, uma vez que estes grupos não possuíam imunidade suficiente para combater os vírus e bactérias que se proliferavam na Europa e se intensificavam nas viagens marítimas. As Américas ficaram isoladas do resto do mundo. A varíola, a malária, o sarampo e o tifo, entre outras, foram as principais doenças e

epidemias que acometeram os indígenas. Albornoz explica que as relações sexuais entre as índias e brancos também resultou no contato com doenças sexualmente transmissíveis, sendo para o século XVI a mais comum, a sífilis. Restall corrobora com esta sentença e atribui à queda da capital asteca não pela força das armas hispânicas, mas sim devido a doenças e à praga. A fome também se aproximava. Nas palavras de Restall:

“No século e meio que se seguiu à primeira viagem de Colombo, a população indígena da América sofrera uma redução de 90%. (...) Os dois grandes impérios nativos do início do século XVI não foram as únicas regiões afetadas pelas doenças do Velho Mundo. É improvável que algum canto das Américas tenha escapado incólume (...).”⁸

A conquista espanhola pode ser plenamente compreendida se situada em seu cenário mais amplo, da expansão ultramarina. É uma história que começou antes da chegada de Colombo na América. Sociedades de vários cantos do mundo buscavam sua expansão. Restall afirma que a conquista espanhola não passa de um mero episódio na globalização do acesso a recursos de produção de alimentos e acresce que tal processo continua incompleto, pois atravessamos hoje o longo período de embates desiguais e da gradual globalização de recursos.

2. Limites da ação colonial

Considerando que a escrita da História tem em seu cerne a subjetividade de quem a redige faz-se necessário adotar uma postura cautelosa para não cairmos na desgraça de legitimarmos, explicarmos e/ou entendermos os fatos históricos de acordo com a perspectiva que já narrou (e ainda narra) que as sociedades indígenas foram dominadas pelos europeus e que se mostraram como povos volúveis, imóveis e ingênuos.

A pretensão aqui é desconstruir esse discurso, visto que os estudos recentes têm demonstrado uma versão um tanto distinta da comumente transmitida nos livros didáticos: fala-se em resistência indígena, em insubmissão, em limitação na ação de conquista e colonização, tanto em termos culturais, como territoriais.

Um fato ocorrido entre 1531 e 1533 ilustra a temática da resistência indígena, visto que há tantos outros desconhecidos e que por alguma razão foram ocultados. Francisco Pizarro comandando tropas espanholas vai atacar o imperador Atahualpa - que estava passando por um período de disputa interna pelo poder com seu irmão Huascar - em Cajamarca sendo condenado à morte em 1533. Apesar de ter conseguido controlar o comando central do império Inca prendendo e executando o imperador, os espanhóis estavam longe de ter tranquilidade, pois os incas resistiram ao domínio espanhol por mais de 39 anos até que o último imperador Inca Túpac Amaru morre em 1572, sendo esta resistência militar e cultural.

O historiador Matthew Restall argumenta, nesse sentido, que é necessário a desconstrução do mito de uma conquista rápida e relativamente pacífica da ocupação espanhola e que os textos espanhóis que apresentam uma atitude de não resistência e de sujeição voluntária dos nativos precisam

ser confrontados com os atos de rebeldia indígena, punidos com execuções e escravizações dos mesmos. Segundo o autor, a resistência sempre existiu, não só na questão física, mas também culturalmente.

É importante, sem dúvida, desmistificar a ideia derrotista da conquista em que os indígenas figuravam como resignados, aceitando sem contestar a violência a que eram submetidos. Hector Bruit reafirma esta proposição defendendo a assertiva de que não houve incapacidade racional ou inferioridade cultural. O que houve, segundo ele, foi simplesmente a renúncia voluntária de viver a história do outro, mas simulando vivê-la o que se transformou em arquétipo de resistência à dominação total. Vale ressaltar que não houve genocídio, pois em alguns locais, os indígenas são a maioria; podemos afirmar sim, que houve um genocídio cultural de certo modo.

No que concerne aos limites territoriais, mesmo sendo nominalmente proprietária das terras do continente americano, exceto pela porção que coube à Portugal, a Espanha vai limitar sua atuação colonial mais intensa não indo muito além do Norte do México no que viriam ser futuramente o Texas e a Califórnia e ao Sul do Chile na região central dos pampas e na orla oriental da região Amazônica. Para esta situação, alguns motivos podem ser apontados. A diversidade ambiental na América contribuiu para adaptações diversas dos povos no ambiente, que refletiram em variadas formas de desenvolvimento espaço/homem. Dessa maneira, estas áreas citadas acima não possuíam uma população organizada ao nível de vida urbana dos Astecas e Incas. Além disso, revelaram-se áreas com grande foco de resistências dos povos nativos que nelas estavam pueblos, guaranis e araucanos. Ademais, outras áreas não demonstraram a potencialidade de recursos minerais e mercantis que interessavam os espanhóis, sendo várias destas, portanto, não penetradas pelos invasores.

De fato para manterem suas tradições e traços culturais, os indígenas utilizaram de técnicas de resistências pacíficas para fugir e conter uma absorção completa pela cultura hispânica, pois tinham conhecimento que a luta armada não traria resultados favoráveis devida a superioridade dos armamentos espanhóis. De maneira inteligente, os ameríndios passam a mesclar as duas crenças religiosas. Restall salienta a persistência da cultura do indígena através do vestuário, onde alguns de seus estilos mais práticos foram até mesmo adotados pelos espanhóis, sobretudo no âmbito doméstico. Restall contribui para pintar um retrato mais complexo das relações entre europeus e americanos:

“O empreendimento colonial hispânico funcionava relativa bem quando coincidia com as práticas, padrões e estruturas nativos, mas do contrário enfrentava o mesmo nível de resistência tenaz que todos os povos tendem a exercer contra interferências externas radicais em seus estilos de vida. As manifestações de tal resistência, por sua vez, contribuíram para o desenvolvimento de uma percepção européia dos nativos como intrinsecamente perversos, em vez de inocentes.”⁹

Os processos de não-invasão e resistência por parte dos indígenas têm sido observados nos documentos coloniais. Foram constatados lugares e povoamentos ainda não contatados e colonizados;

um sem-número de índios utilizavam de estratégias para afastar os europeus de seu território. Os indígenas não mergulharam na inatividade e na inércia em virtude da conquista, ao contrário, empenharam-se para encontrar os meios de dar continuidade aos seus estilos de vida locais, mesmo em face das transformações e dificuldades coloniais. Suas culturas nativas desenvolveram-se mais rapidamente, em decorrência da exposição à cultura hispânica e à necessidade de adaptação a novas tecnologias, demandas e procedimentos.

O recorte que estamos traçando deste grande painel não pode ser ofuscado. Faz parte da compreensão de todo esse processo histórico. A descoberta da América (que ainda não houve), um dos títulos de Eduardo Galeano, só é possível de ser entendida a partir de suas raízes históricas, fato que implica em recusar “a visão dos vencidos”, através do qual as culturas dos indígenas teriam sido reduzidas a pó e entender este processo sob a ótica de quem estava aqui. Implica em dar voz às sociedades indígenas na historiografia oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As proposições aqui expostas nos permitem visualizar um cenário complexo e incompleto, visto que muitos dados não expostos e desconhecidos ainda acrescentam ao debate historiográfico. Entretanto, a partir do estudo realizado é possível entender que, tal como foi proposto no texto introdutório e no decorrer do artigo os quais estão embasados em alguns historiadores da História da América Colonial, houve sim a Conquista. Precisamos é claro nos debruçar sobre as suas minúcias. A conquista não ocorreu por todo o território americano, mesmo que muitas sociedades tenham desaparecido. A ação colonial teve as suas restrições. Demonstramos aqui o papel decisivo de alguns mecanismos para a conquista e colonização espanhola – as enfermidades, as espadas, as rivalidades inter-tribais e conseqüentes alianças, entre outros.

Ao abordarmos o contato entre dois mundos que colocou em evidência distintas percepções do real e diferentes imaginários nos remetemos ao entendimento de que a partir do século XVI, vive-se a europeização, o nativismo e a mestiçagem, que tornaram a identidade do continente latino-americano uma resposta sem conclusão. Não é simples avaliar este processo que perdurou por séculos, até os dias de hoje. Em seu enredo encontramos diversidades, opressões, contradições, processos interrompidos e inúmeras transformações.

Particularmente, acreditamos que a memória deste acontecimento histórico convoca a nós a atentarmos para a composição de uma história da conquista que rompa com alguns preconceitos e equívocos que tendem a justificar uma dominação, dando abertura à manifestações de outras vozes que muito tem a dizer sobre este registro histórico presente na nossa herança cultural.

REFERENCIAL TEÓRICO:

ALBORNOZ, Nicolás Sánchez. *A população da América Espanhola Colonial*. In: *América Latina Colonial*, volume 2. (Org.) Leslie Bethell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília,

- DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1999.
- BRUIT, Héctor. *O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: América em tempo de conquistas.* (Org.) Ronaldo Vainfas. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1992.
- BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia, 1492-1550.* Tradução de Cristina Muracho. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- CARVALHO, Joyce Mayara de Aguiar. *Um outro olhar sobre a religiosidade dos ameríndios no pós-conquista.* Revista Homem, Espaço e Tempo. Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA. Ano II, número 1, março de 2008.
- CORTEZ, Hernan. *A Conquista do México.* Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2 ed.-Porto Alegre: L&PM, 2008.
- ELLIOTT, John H. *A Conquista Espanhola e a Colonização da América.* In: América Latina Colonial, volume 1. (Org.) Leslie Bethell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé. *O Paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias.* Tradução de Heraldo Burbury. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- NOVAIS, apud CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- RESTALL, Matthew. *Sete Mitos da Conquista Espanhola.* Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ROMANO, Ruggiero. *Os Mecanismos da Conquista Colonial.* São Paulo: Perspectiva, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A questão do outro.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Notas

- 1 NOVAIS, apud CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 33
- 2 ELLIOTT, John H. *A Conquista Espanhola e a Colonização da América.* In: América Latina Colonial, volume 1. (Org.) Leslie Bethell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004, p. 138
- 3 ROMANO, Ruggiero. *Os Mecanismos da Conquista Colonial.* São Paulo: Perspectiva, 2007, p.12
- 4 GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p.36
- 5 LAS CASAS, Frei Bartolomé. *O Paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias.* Tradução de Heraldo Burbury. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- 6 RESTALL, Matthew. *Sete Mitos da Conquista Espanhola.* Tradução de Cristina de Assis Serra Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 102.
- 7 Idem p. 206
- 8 Idem p. 100
- 9 Idem p. 188